

EUTONIA

o saber do corpo

Miriam Dascal



O corpo como fonte do saber



A DIFICULDADE DAS MUDANÇAS DE ENTENDIMENTO, DE PENSAMENTO, DE VALORES, É GRANDE. ISSO SE DEVE À INÉRCIA CORPORAL, E NÃO AO FATO DE O CORPO SER UM LASTRO OU CONSTITUIR UMA LIMITAÇÃO. ELE É NOSSA POSSIBILIDADE E CONDIÇÃO DE SER.

Humberto R. Maturana. *Emoções e linguagem na educação e na política*

O título desta obra – *Eutonia: o saber do corpo* – pode dar a entender que supomos que o corpo saiba de coisas distintas daquelas que a mente (ou alma) saiba. Estamos longe disso: não queremos perpetuar uma tal divisão da pessoa, geralmente atribuída a René Descartes.¹

A tradição cartesiana esmerou-se na construção e na defesa do dualismo corpo/alma. Ela considera que a realidade possui duas substâncias imiscíveis, que não se correspondem de forma direta: a *res extensa* e a *res cogitans*. A primeira determina a existência dos corpos e a segunda determina a existência da alma e do pensamento.

Muitas de nossas percepções – fisiológicas e psicológicas – do corpo e da mente foram e ainda são influenciadas pelos esquemas que o cartesianismo favorece.

¹ René Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês.

Essa doutrina desenha um corpo sujeito ao mecanicismo, logo, decomponível e incapaz de produzir “saberes”; faz da mente a única fonte de conhecimento e vida ativa. Novamente afirmamos: nossa pesquisa se afasta dessa visão.

Se tivéssemos de optar por alguma forma de dualidade, escolheríamos – apenas como recurso metafórico – o dualismo onda-partícula.² Nesse caso, corpo e alma poderiam ser vistos como aspectos transitórios e intercambiáveis de uma mesma e única realidade. Não utilizaremos esse recurso, mas aproveitaremos as sugestões da fenomenologia, a qual se contrapõe ao discurso que transforma o ser humano num mecanismo formado por um conjunto de partes distintas entre si.

Quando pesquisam o corpo e a mente, os fenomenólogos levam em conta a existência, ou seja, o mundo e a vida. Não basta dividir e classificar o corpo e, separadamente, estudar as funções e as possibilidades da mente. É preciso compreender de que forma corpo e mente se interpenetram e estabelecem, no interior de uma unidade indissolúvel, infinitas conexões com o mundo e a vida. Denomino de “saber” justamente essas conexões.

Seguimos a trilha aberta por Maurice Merleau-Ponty,³ segundo o qual toda técnica corporal amplia a metafísica da carne. É necessário reencontrar o corpo

² Cf. esse conceito da física quântica em Amit Goswami, *O universo autoconsciente* (Rio de Janeiro: Record, 2000).

³ Maurice Merleau-Ponty, *O olho e o espírito* (São Paulo: Abril Cultural, 1975).

operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, mas, sim, um entrançado de visão e movimento. E a consciência em si é compreendida não à maneira do *cogito* cartesiano “Penso, logo existo” (*Cogito, ergo sum*), mas por meio de suas relações com o corpo: consciência é comportamento.

Ao longo de sua obra, particularmente em *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty nos faz ver um corpo integrado à consciência (pensamento/alma). No lugar de *res extensa*, vemos surgir uma unidade profunda, a percepção e o movimento, principais responsáveis pela vitalidade do corpo que age: a consciência do corpo invade o corpo.

Tais relações entre corpo e mente são inerentes à nossa situação biopsicológica e acontecem, sobretudo, por meio da percepção. O dualismo cartesiano é substituído por um complexo corpo/mente que só pode ser compreendido por meio da unidade percepção e movimento.

Segundo Merleau-Ponty,⁴ a consciência do corpo não é meramente intelectual, não se reduz a algum conjunto de imagens idealizadas, simples decalques ou fotografias da realidade. Ela nasce de uma percepção criada durante o movimento. Por princípio, toda percepção é movimento, não havendo possibilidade de se compreender o corpo sem sua motricidade, sem sua capacidade de se pôr em movimento.

⁴ Maurice Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (Martins Fontes: São Paulo, 1999).

Merleau-Ponty⁵ comenta que, para compreender a unidade que existe entre movimento e percepção, será preciso pensar de outra forma o sistema nervoso e suas funções. Propõe uma revisão dos conceitos fundamentais acerca do funcionamento do nosso sistema nervoso, bem como da relação corpo/consciência. Várias questões a respeito vêm sendo retomadas pelas neurociências.

Contudo, a noção fenomenológica de corporeidade – que tenta dar conta da unidade mente/corpo – é mais abrangente que os termos “consciência do corpo” ou “consciência corporal”. Merleau-Ponty acredita que o espaço corporal é fruto do envolvimento que cada pessoa realiza com o mundo e a vida e que o espaço corporal existe na medida em que a pessoa se volta para o exterior e se relaciona com tarefas/projetos. Segundo o filósofo, o espaço do corpo é a obscuridade de sala necessária à clareza do espetáculo, e o esquema corporal é uma maneira de exprimir que o corpo está no mundo.

O discípulo de Edmund Husserl⁶ revira as explicações científicas fundadas na causalidade e na certeza. Deixa-se orientar pela indeterminação sempiterna que envolve a realidade. De bom grado, Merleau-Ponty aceita a existência não excludente dos vários e diferentes sentidos que surgem da interrogação dos sentidos. Nossos sentidos não são meros receptores a serviço da percepção, e a percepção,

⁵ Maurice Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento* (São Paulo: Martins Fontes, 2006).

⁶ Edmund Husserl (1859-1938), filósofo alemão fundador da fenomenologia.



por seu turno, não cumpre o “mecânico” papel de ordenar os dados sensoriais que lhe chegam.

Merleau-Ponty questiona duramente a análise da percepção como elemento ordenador da experiência sensorial e duvida que seja possível compreender a sensação e a percepção como elementos distintos. Segundo o filósofo,⁷ o nosso corpo não pode ser desdobrado diante de nós como se fosse um tecido exposto no balcão de vendas. O nosso corpo existe conosco, é a nossa fonte de comunicação e relação com o mundo e a vida, é o que ele chama de “corpo-próprio”. Na linha do tempo, o passado do corpo sempre se reapresenta: é um presente contínuo. Assim, o comportamento humano é visto como resultante de um movimento único, em que a criação e a destruição de formas estáveis (padrões de comportamento/movimento) vão acontecendo inelutavelmente. A causalidade, na sua relação causa-efeito, de longe não esgota o movimento do vivo, o corpo-próprio é um dinamismo aberto a todo tipo de relações e acontecimentos.

No lugar de propostas fragmentadoras da análise científica clássica, Merleau-Ponty considera necessário construir conceitos que ampliem a compreensão da existência a partir da vivência corpórea.

Nesse sentido, Merleau-Ponty desenvolve a noção de corpo-próprio como uma realidade intencional da pessoa (sujeito) e a coloca em contraponto à noção car-

⁷ Maurice Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção*, cit.

tesiana de corpo-máquina, ou corpo-objeto. Merleau-Ponty quer superar a perspectiva do discurso que privilegia a causalidade e que considera o corpo como algo inferior à consciência. Sensação e percepção não são nem inferiores nem exteriores à racionalidade, uma vez que a razão, a sensação e a percepção são imprescindíveis ao processo de criar conhecimento.

Diante da insuficiência das objetivações científicas e das especulações do idealismo metafísico, nosso filósofo pensa a condição humana, enfatizando as relações entre o corpo e a consciência. Ao incluir a dimensão existencial na sua pesquisa, Merleau-Ponty amplia as noções do mecanicismo científico. Por isso, ele não se contenta em inventariar as muitas partes do corpo ou estabelecer uma idéia do corpo em movimento; seu propósito é qualificar o corpo como uma situação original e significativa da existência.

Esta nova relação corpo e consciência inaugura a análise existencial, uma abordagem que privilegia o mundo das experiências vividas. E é nas profundezas desse universo sem fim que o conhecimento humano acontece.

Segundo Merleau-Ponty, a experiência do corpo é um fenômeno complexo, e o corpo não pode ser reduzido à perspectiva de mero objeto regido pelas leis de mecânica clássica, exatas e invariáveis, pois ele revela um modo de existência profundamente significativo – quer se trate do corpo do outro quer do nosso próprio corpo –, e não temos outro meio de conhecer o corpo humano, senão vivê-lo. O corpo assim compreendido revelará o sujeito que percebe, assim como

o mundo percebido. Sua força advém do movimento próprio da existência. Até mesmo os reflexos têm um sentido, e o estilo de cada indivíduo ainda é visível neles, assim como o batimento do coração se faz sentir até na periferia do corpo. Corpo e consciência não são causalidades distintas, mas formam uma unidade resultante da dinâmica de experiência do corpo em movimento.

Essa concepção fenomenológica é um dos alicerces do método da eutonia. Portanto, denomino “o saber do corpo” a busca da compreensão da unidade mente-corpo que inclui a dimensão existencial e enfatiza a vivência como situação original e significativa.

E o que constitui o saber do corpo? É uma mistura que jamais fica pronta. Seus componentes são todos os objetos do mundo e todas as experiências, sentimentos, idéias, emoções que atravessam o corpo, pois o corpo é o que sou, sou meu corpo, sou liberdade, aprendizagem e escolha. Para Oliver Sacks:

Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através da experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes. Não se vê, sente ou percebe em isolamento – a percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo.⁴

⁴ Oliver Sacks. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), p. 129.